



A CRUZ

A cruz é um dos símbolos mais famosos em todo o mundo e em todos os tempos. Podemos encontrá-la nos monumentos do Egito, nas esculturas da Babilônia e nas ruínas da Pérsia e da Índia – muito antes da era cristã. Nas formas de arte rupestre paleolítica conhecidas em Portugal, vemos cenas de caça, danças rituais e episódios de combate que obedecem a fórmulas de interpretação mágica e esconjurativa. Recordem-se as figuras cruciformes e de círculos concêntricos reticulados do santuário rupestre do Gião (Arcos de Valdevez) e do penedo do Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães). Nesses desenhos, o que chama a atenção é a cruz ou, melhor, os sinais cruciformes. Algumas vezes estão inscritas em quadrados, outras estão associadas ao círculo. Assim, as cruzes, como estilização esquemática da figura humana com os braços abertos, teriam, nesses monumentos antigos, o significado de homens a adorar a divindade, ou a representar simbolicamente cenas rituais, quer propiciatórias, quer gratulatórias. Homem de braços abertos, orante ou dançante, homem mortal ou deus imortal, vivo ou espírito de antepassado, ficou com o corpo reduzido ao traço vertical e com os braços representados pelo traço perpendicular, que formam, em conjunto, os braços da cruz. Cruz *immissa* (+); cruz *commissa* ou tau (T); cruz de Santo André ou *decussata* (x); cruz latina (†), que é a cruz *immissa* com os braços desiguais, sendo o vertical mais comprido que o transversal; cruz egípcia, usada pelos cristãos coptas no Egito, a qual decalca o hieróglifo faraônico *ank*; cruz gamada ou suástica, usada com abundância na decoração da "casa da cruz suástica" das ruínas de Conímbriga, próximo de Coimbra – a cruz é sempre usada como símbolo associado à vida e à renovação da vida. Se é relativamente fácil identificar a presença da cruz em todas as culturas, a origem do significado esotérico é mais difícil de esclarecer. “Se o homem é acometido pela raiva, se um esforço moral custa alto, muito melhor, pois tudo isso traz a humildade; os orgulhosos não devem ser levados em consideração”.

A CRUZ NO CRISTIANISMO

“Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”, Epístola de Paulo Aos Gálatas 6.14. A “cruz de Cristo” deve ser um assunto verdadeiramente importante para que um apóstolo inspirado fale de tal forma sobre ela. A palavra *cruz*, na Bíblia, algumas vezes faz referência à cruz de madeira na qual o Senhor Jesus foi cravado e posto para morrer, no Calvário. Isto é um dos pensamentos que São Paulo tinha em sua mente quando falou aos Filipenses que Cristo “foi obediente até a morte, e morte de *cruz*” (Fp 2.8). A cruz, em outras vezes, é atinente às *aflições e provações* que os crentes atravessam pela causa da religião que professam, quando seguem a Cristo fielmente. Este é o sentido no qual nosso Senhor usa a palavra, quando diz: “Aquele que não toma a sua cruz, e segue-me, não é digno de mim” (Mt 10.38). Este também é o sentido no qual Paulo usa a palavra quando escreve aos Gálatas. Mas a palavra cruz também se refere, em alguns outros lugares da Escritura, à *doutrina de que Cristo morreu pelos pecadores sobre a cruz*, - a expiação que Ele fez pelos pecadores, por Seus sofrimentos em favor deles sobre a cruz – o completo e perfeito sacrifício pelo pecado que Jesus ofereceu quando deu Seu próprio corpo para ser crucificado. Este é o significado no qual Paulo usa a expressão quando escreve aos Gálatas: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele está dizendo simplesmente isto: “Eu não me glorio em nada mais, exceto em Cristo crucificado, como a salvação de minha alma”. O apóstolo Paulo foi um homem que percorreu a terra proclamando aos pecadores que o Filho de Deus havia derramado o sangue de Seu próprio coração para salvar-lhes. Ele caminhou por todos os lugares neste mundo falando às pessoas que Jesus Cristo as amava, a ponto de morrer pelos seus pecados sobre a cruz. Observe como ele diz aos coríntios: “Eu vos entreguei o que primeiro recebi: que Cristo morreu

pelos nossos pecados” (1 Co 15.3); “eu me determinei a não saber de qualquer coisa entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado” (1 Co 2.2). Ele – um blasfemo, fariseu perseguidor – havia sido lavado no sangue de Cristo; de tal modo a não poder deixar de sustentar sua paz sobre este sangue. Por isso ele nunca se cansava de falar da história da cruz. Confiar na cruz de Cristo, - a morte de Cristo sobre a cruz para fazer a expiação pelos pecadores – é a verdade central ao longo de toda a Bíblia. Esta é a verdade que encontramos logo ao abirmos no livro do Gênesis. A *semente da mulher* que esmagaria a cabeça da serpente - isto não é outra coisa senão uma profecia de Cristo crucificado. Deveras, esta é a verdade que brilha, por trás do véu, em toda a lei de Moisés e na história dos judeus. Os *sacrifícios diários*, o *cordeiro pascal*, o *contínuo derramamento de sangue* no tabernáculo e no templo - tudo isto são sombras do Cristo crucificado. E esta é a verdade que também vemos ser honrada na visão do céu, antes do fechamento do livro das Revelações: “Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto” (Ap 5.6). De fato, mesmo em meio à glória celestial nós encontramos uma visão de *Cristo crucificado*. *Tire a cruz de Cristo, e a Bíblia será um livro obscuro*. Ela seria como os hieróglifos egípcios, sem a chave que interpreta o seu significado – curiosa e maravilhosa, mas sem qualquer serventia real.

Nada sabe-se de positivo quanto à forma da cruz de Jesus, se era em T ou se a haste vertical superava a trave horizontal. O mais provável era a forma em T. O argumento da inscrição, que leva alguns a pensarem que possuía uma parte da haste acima da cabeça (*crux immissa*), não é suficiente a decidir a respeito da forma da cruz, pois ao ser suspenso, o corpo arriava e ficava espaço suficiente na parte superior para ser colocada a tabuleta. A haste vertical permanecia fixa no local das execuções: era a *stipes crucis* (cfr. Cícero, Rabir. 11: *in Campo Martio ... cruce[m] ad civium supplicium defigi et constitui jubes*, .mandas levantar e plantar uma cruz no Campo de Marte para o suplício dos cidadãos.). O travessão horizontal, chamado *patibulum*, e em grego *staurós* ou *skólops*, era levado pelo condenado e colocado, depois que se pregava a vítima, no côncavo da haste vertical, ou *stipis furca*, próprio para receber o *patibulum*. A cruz inteira era também denominada *xylon didymon*, ou seja, pau duplo. Dizem que foram Santo Agostinho e Santo Irineo assumiram que Cristo foi crucificado em uma cruz romana ou latina (*crux immissa*), na proporção $\frac{3}{4}$ para $\frac{1}{4}$.

SIMBOLISMO MÍSTICO POR DETRÁS DA CRUZ

Vamos primeiro recapitular alguns conceitos: na natureza há duas forças que produzem um equilíbrio (formando o Ternário), e estas obedecem a uma única lei (formando o Quaternário). Desse modo, o quaternário é o ternário somado à ideia da unidade, e com o qual, é possível criar tanto o quadrado como a cruz. O Quadrado representa o equilíbrio total, pois todos os pontos se opõem igualmente e equidistamente, ou seja, estão na forma mais natural de se equilibrar 4 pontos, bidimensionalmente. Já a Cruz (nesse caso é a Cruz Santo André ou *crux decussata*) é composta de 2 que se dividem em outros 2 para formar o 4, além disso, ela também representa o ponto central da conjunção dos ângulos retos de 2 triângulos infinitos. Com ela, pode-se representar os 4 elementos mágicos – como o da Alquimia (o sal, o mercúrio, o enxofre e o azoth), da Cabala (macroprosopo, microprosopo e as 2 matrizes), dos Hieróglifos (o homem, a águia, o leão e o touro), na física antiga (em termos vulgares, ar, água, terra e o fogo), os 4 pontos cardeais, as 4 letras que compõem o nome de Deus (Iod, He Vau e He), etc. Além do mais, a cruz também representa o equilíbrio, pois está mostrando os opostos que se unem em seu meio. Já o Círculo é “igual” ao quadrado, pois pode ser obtido girando o quadrado sobre si mesmo (já que é gerado pelo movimento circular de 4 ângulos que se rotacionam ao redor de um mesmo ponto). Desse modo, pode-se entender que o círculo também representa o equilíbrio (já que foi formado do Quaternário), contudo um equilíbrio em movimento, um equilíbrio contínuo, que transmite a ideia de infinito, pois não possui começo e nem fim, e todos os seus pontos são iguais. Portanto a cruz é um símbolo de união entre os opostos, de totalidade, ao mesmo tempo que demonstra e simboliza a unicidade por detrás desses opostos (já que o seu equilíbrio se encontra em um único ponto no centro - Shin).

ALGUMAS CORRELAÇÕES IMPORTANTES DA CRUZ:

CRUZ E OS ELEMENTOS

A cruz divide os quadrantes: Terra ao Norte (inverno); Ar ao Leste (primavera); Fogo ao Sul (verão) e por fim a Água ao Oeste (outono). Todas as luzes do mundo (Sol e Lua), nascem no Leste do Ar (mente), originando a luz que é relativa à iluminação, sabedoria; mas ao fim do dia se põem no Oeste da Água (emoção), dando vaga ao homem que sucumbe às suas emoções e, portanto, é falho. Todas as forças telúricas têm origem no Norte, na fixidez da Terra, e dispersam no Sul, na temporariedade do Fogo. Sendo que a terra representa o lado visível da vida ou a manifestação concreta de todas as sementes que germinam no mundo das ideias, mediante a ação concreta do Iniciado. Esse elemento ativa nossa energia interna para a realização e para a ação de coisas concretas. Representa ainda o nosso próprio organismo e tudo o mais relacionado ao mundo material. Geralmente esse elemento pode ser representado pelo símbolo da cruz que alegoriza a materialização da essência divina. Os Gnomos são elementais que governam o elemento terra. O fogo representa o desejo, à vontade, a mudança, a purificação, a transformação, a energia da ativação que em termos estritamente espirituais, pode ser representado pelo poder da fé. Esse elemento é governado pelas Salamandras e tem um significado espiritual muito forte por representar a Energia Divina. Em quase todas as religiões que se utilizam de rituais, o fogo é utilizado como forma de representação da Luz Divina. As velas, as fogueiras são objetos que representam a força desse elemento. O ar representa o meio onde todas as ações e realizações humanas têm seu início; o nosso mundo das ideias. Espiritualmente falando, representa o éter ou plano astral que também pode ser chamado de psique ou inconsciente. É também o elemento representante da mente com suas frequentes transformações. O elemento ar está dessa forma, diretamente associado ao pensamento é governado por elementais denominadas Fadas. E a água está relacionada às emoções do inconsciente; emoções que nutrem os nossos sonhos e ideais na vida; pode muito bem representar no processo espiritual construtivo, a energia da esperança que alimenta e mantém ativa a fé ou a crença do iniciado. Elemento governado pelas Ondinas e de caráter feminino em sua essência. Ativa a intuição e a emoção. Os espelhos mágicos dos ocultistas podem ser objetos que muito bem representam esse elemento.

CRUZ E ALQUIMIA

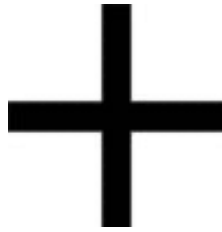
O termo “Ar” corresponde, na alquimia, ao solvente universal “Azoth”, cujo símbolo é um caduceu, com três circunvoluções encimado por asas de águia. O termo “Água” corresponde ao “Mercúrio”, que pode ser obtido do mercúrio comum. O Azoth frequentemente é também chamado “Mercúrio dos Sábios” ou “Mercúrio dos Filósofos”; todavia devemos compreender que este “Mercúrio” não pode ser obtido do mercúrio metálico. O termo “Terra” corresponde ao elemento “Sal”. O termo “Fogo” corresponde ao elemento “Enxofre”. O enxofre e o sal alquímico não devem ser confundidos com as substâncias do mesmo nome da química comum. Na alquimia estes nomes indicam dois princípios atributivos dos corpos que podem ser neutralizados, seja pelo mercúrio metalógeno (no processo involutivo), seja pelo mercúrio dos sábios (no processo evolutivo). No Hermetismo Ético, que é a analogia da alquimia no plano astral, ao elemento “Sal” corresponde a *perseverança* na procura do aperfeiçoamento; ao elemento “Enxofre”, o *ardor da oração* ou de outro modo de concentração; ao elemento “Mercúrio”, o estado de *estar ciente*; ao elemento “Azoth”, a *sensibilidade sutil* e a compreensão inata das condições do trabalho.

CRUZ E O NOME DE DEUS

O princípio ativo, masculino, expansivo - IOD - fecunda o princípio passivo feminino, atrativo, He. Desta união nasce o princípio neutro, andrógino, Vau que transmite ao plano inferior tudo o que recebeu do superior. Logo que este esquema se realiza, aparece a ideia da família, ou seja, a ideia de um ciclo completo de manifestação. Admitir a existência deste núcleo é como traçar uma linha de contorno ao redor da vida interna dessa família e constatar que na vida externa, esse núcleo familiar, embora composto, atua como uma unidade independente. Quando desejamos expressar o fato de que o ciclo Iod-He-Vau foi concluído, colocamos, após as três letras, uma quarta: o segundo He, passivo, que confirma o fato de o ciclo *ter sido encerrado*. Tal quaternário do ciclo elementar corresponde ao terceiro grande nome de Deus: *Iod-He-Vau-He*. O ciclo Iod-He-Vau-He se distribui na cruz do quaternário da seguinte maneira ao norte Iod, ao Leste He, ao Sul Vau e ao Oeste He, lendo-se a mesma palavra em ambas as direções do movimento giratório. A leitura do terceiro Nome Divino, mas em sentido inverso, resulta na palavra “Havaioth”, considerada com símbolo de anarquia (o reino do diabo). Essa palavra se obtém quando o movimento giratório inicia-se numa das pontas da linha horizontal, ao invés de o fazer na ponta superior da linha vertical. Imaginemos agora que a nossa unidade composta, a nossa família pelo segundo He do Nome sagrado, exerce uma influência sobre algum elemento do mundo exterior, isto é, que o nosso ciclo elementar, pela sua completude, condicionou um novo ciclo. Neste caso, o símbolo passivo He já não é mais corresponde ao quarto elemento. Este He, de um modo misterioso, mas em conformidade com a Lei, transformou-se no Iod do ciclo seguinte. A nossa cruz, como se tivesse girado 90 graus, torna-se um círculo; este movimento se chama: o girar do quaternário no Círculo Hermético. Tendo analisado o quaternário como esquema geral de processos dinâmicos elementares, passaremos agora ao simbolismo da cruz de braços iguais, como esquema de manifestação ativa e passiva do Homem no plano astral. A barra vertical da cruz, que religa o Iod e o Vau, está dividida em duas partes pelo ponto central. A de cima - Iod - predomina sobre a de baixo - Vau - pois, o Iod é mais ativo que o Vau. A parte superior é considerada como campo de ações positivas do ser humano - o campo do Bem - e a parte inferior, como campo de ações negativas, a região do Mal. Um Iniciado, em cada momento da vida, deve discernir entre esses dois campos, permanecendo sempre no ponto neutro. *Isto é conhecer o bem e o mal das ações*. A barra horizontal da cruz divide-se também em duas partes, ambas correspondendo à receptividade, à esfera passiva do homem. O braço da direita pertence ao segundo He que pode transformar-se em Iod, ele é, portanto, mais ativo, domina o braço esquerdo e corresponde à esfera da receptividade *favorável*. O braço esquerdo representa a esfera da receptividade *desfavorável*. Um Iniciado possuía a capacidade de delimitar, em qualquer momento da vida, nitidamente, essas regiões, ou seja, possui o conhecimento do ponto neutro. Voltando aos elementos, o elemento Iod está ligado ao que a tradição chama de “Ar”; o primeiro He, à “Terra”; o Vau, à “Água” e o segundo He, ao “Fogo”. No plano metafísico, o “Ar” corresponde ao tempo; a “Água”, ao espaço; a “Terra”, ao princípio da estagnação, à inércia da matéria; o “Fogo”, ao estado cinético da matéria. No plano moral, o “Ar” indica que cada iniciado deve *ousar*; a “Água” que deve *saber*; a “Terra” que deve *calar* e o “Fogo” que deve ser capaz de *querer*. A última correspondência está ligada à apresentação do quaternário das figuras simbólicas, ou seja, dos “animais sagrados”: a Águia ousa, o Homem sabe, o Touro cala e o Leão é feroso em seus desejos.

ALGUMAS CRUZES IMPORTANTES:

CRUZ SIMPLES: Em sua forma básica a cruz é o símbolo perfeito da união dos opostos, mantendo seus quatro “braços” com proporções iguais. Alguns estudiosos denominam esta como Cruz Grega ou *crux immissa*.



CRUZ DE SANTO ANDRÉ: Símbolo da humildade e do sofrimento, recebe esse nome por causa de Santo André, que implorou a seus algozes para não ser crucificado como seu Senhor por considerar-se indigno. Acredita-se que o santo foi martirizado em uma cruz com essa forma. Também é chamada *crux decussata*.



CRUZ DE SANTO ANTONIO (TAU): Recebeu esse nome por reproduzir a letra grega Tau. É considerada por muitos, como a cruz da profecia e do Antigo Testamento. Dentre suas muitas representações estão o martelo de duas cabeças, como sinal daquele que faz cumprir a lei divina, encontrado na cultura egípcia, e a representação da haste utilizada por Moisés para levantar a serpente no deserto. Também conhecida como Cruz de Tau (“tau” é a letra do alfabeto grego equivalente ao T, cuja forma adota), Cruz Egípcia e *crux commissa*.



CRUZ CRISTÃ: Definitivamente o mais conhecido símbolo cristão, que também recebe o nome de Cruz Latina. Os romanos a utilizavam para executar criminosos. Por conta disso, ela nos remete ao sacrifício que Jesus Cristo ofereceu pelos pecados das pessoas. Além da crucificação, ela representa a ressurreição e a vida eterna. Também conhecida como Cruz Cristã ou *crux ordinaria* (em latim).



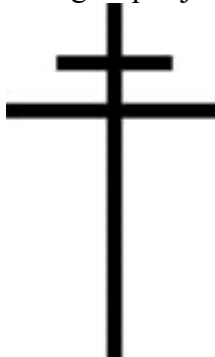
CRUZ ANKH: Um dos mais importantes símbolos da cultura egípcia. A Cruz Ankh consistia em um hieróglifo representando a regeneração e a vida eterna. A ideia expressa em sua simbologia é a do círculo da vida sobre a superfície da matéria inerte. Existe também a interpretação que faz uma analogia de seu formato ao homem, onde o círculo representa sua cabeça, o eixo horizontal os braços e o vertical o resto do corpo. Também conhecida como “Chave do Nilo” e *Cruz Ansata* (de “ansa”, termo antigo e poético para “asa”, utilizado em especial em contexto cristão, donde o termo latino *Crux Ansata*).



CRUZ GAMADA (SUÁSTICA): A suástica representa a energia do cosmo em movimento, o que lhe confere dois sentidos distintos: o destrógiro, onde seus "braços" movem-se para a direita e representam o movimento evolutivo do universo, e o sinistrógiro, onde ao mover-se para a esquerda nos remete a uma dinâmica involutiva. No século passado, essa cruz adquiriu má reputação ao ser associada ao movimento político-ideológico do nazismo.



CRUZ PATRIARCAL: Também conhecida como Cruz de Lorena e Cruz de Caravaca possui um “braço” menor que representa a inscrição colocada pelos romanos na cruz de Jesus. Foi muito utilizada por bispos e príncipes da igreja cristã antiga e por jesuítas nas missões no sul do Brasil.



CRUZ DE JERUSALÉM: Formada por um conjunto de cruzes, possui uma cruz principal ao centro, representando a lei do Antigo Testamento, e quatro menores dispostas em cantos distintos, representando o cumprimento desta lei no evangelho de Cristo. Tal cruz foi adotada pelos cruzados graças a Godofredo de Bulhão, primeiro rei cristão a pisar em Jerusalém, representando a expansão do evangelho pelos quatro cantos da terra.



CRUZ DA PÁScoa: Uma variação da Cruz de Lorena usada pela Igreja Ortodoxa Russa. Chamada por alguns de Cruz Eslava possui um “braço” superior representando a inscrição INRI, colocada durante a crucificação de Cristo, e outro inferior e inclinado, que traz um significado dúbio, dos quais se destaca a crença de que apontaria, para alguns, o céu (para cima) e o inferno (para baixo). Também conhecida como Cruz Russa.



CRUZ DO CALVÁRIO: Firmada sobre três degraus que representam a subida de Jesus ao calvário, essa cruz exalta a fé, a esperança e o amor em sua simbologia.



CRUZ ROSA-CRUZ: Os membros da Rosa Cruz costumam explicar seu significado interpretando-a como o corpo de um homem, que com os braços abertos saúda o Sol e com a rosa em seu peito permite que a luz ajude seu espírito a desenvolver-se e florescer. Quando colocada no centro da cruz a rosa representa um ponto de unidade.

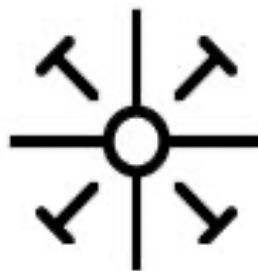


CRUZ DE MALTA: Emblema dos Cavaleiros de São João, que foram levados pelos turcos para a ilha de Malta. A força de seu significado vem de suas oito pontas, que expressam as forças

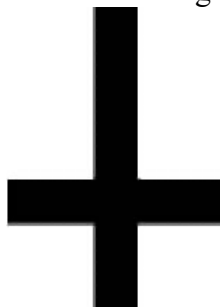
centrípetas do espírito e a regeneração. Até hoje a Cruz de Malta é muito utilizada em condecorações militares.



CRUZ COPTA: Um pequeno círculo do qual emanam quatro braços de igual comprimento, com elementos em forma de T nos cantos (as hastes horizontais dos T apontam para o círculo) que representam os pregos usados na crucificação de Jesus.



CRUZ DE SÃO PEDRO: Uma Cruz Latina invertida sobre o eixo horizontal (i.e., de cabeça para baixo), tem sua origem na Tradição Católica, que conta que São Pedro foi martirizado em Roma, sendo crucificado de cabeça para baixo, pois dizia não ser digno para ser crucificado com Cristo.



FIM